

DUASESPOSAS

Esmeraldo casou com duas mulheres. E vive com as duas na mesma casa. O que fez para convencer as moças ninguém sabe. A explicação pode estar na sua astúcia de negociante ou nas virtudes de sua língua parlamentar. Seria conveniente, no entanto, que se desse crédito a coisa mais sólida, coisa como aquela coleção de vestidos e sandálias para cada uma e que, como todos sabem, ajuda muito a vencer certas resistência e pudores.

E por mais resistentes que fossem aquelas duas mocinhas, terminaram cedendo ante a fartura e beleza da coleção de vestidos e quase desfaleceram ante o sortimento de blushes, pós, batons e pincezinhos, presentes que Esmeraldo

providenciou com antecedência.

Até teoria ele arranjou para dar maior sustentação a essa duplicação de costumes:

- Não é amasio. Eu sou comerciante e da sociedade. É só uma questão de gostos, preferências.

E não cansava de repetir:

- Com uma casei na Igreja, com sacramentos em latim. Com a outra casei no civil. Um religioso, outro constitucional. Estou quite com a fé e com a sociedade!

Após o casamento, as esposas escutaram, meio cabisbaixas, a dissertação do marido sobre brigas e ciúmes, sobre a importância da paz no lar, e entenderam que se revezariam na cozinha, na arrumação da casa, na lavagem de roupas, na limpeza e polimento de sua coleção de botinas e que, dia sim, dois dias não, teriam uma tarefa extra.

Ainda tentou justificar a importância de administrar essa democracia sexual, mas emaranhou-se na língua e no vocabulário. A melhor solução foi deixar que as coisas se arrumassem com a rotina do dia-a-dia. Tinha um pouco a ganância carnal das jovens esposas, mas confiava na sua própria necessidade e no rigor da contabilidade. Dia sim, dois dias não, o deixariam satisfeito, e isto não faria as mulheres se sentirem sozinhas.

As moças se reservavam na parte da casa onde havia trabalho e não recebiam visitas nem

saíam à curiosidade. Só eram vistas na arrumação da sala ou quando saíam para limpar a calçada. Amária tinha afloramentos tímidos, carnes socadas, e um jeito de quem está sempre pensando em sumir de olhares; Deuza era mais excêntrica de volumes, arredondada onde se espera e uns olhos que pareciam pescar significados. As duas juntas nem chegavam a ter a idade que o marido tinha.

Esmeraldo andava quase pelos cinquenta. A agitação do seu comércio tinha impedido que ele casasse, disfrutasse uma vida mais regular e tivesse, com a frequência que os casamentos proporcionam, as duas coisas de que ele mais gostava: uma boa mesa e sexo.

Mas ele esqueceu que casamento e serviço público nunca obedecem ao planejado e começou a atrapalhar a aritmética da cama, sempre espaçando seus compromissos. Talvez, quem sabe, a rotina de fardos e medidas, volumes e promissórias, não tenha lhe dado tempo de notar que seus sussurros acabavam em roncoss e que as moças, apesar de muito recatadas, sabiam, da televisão, que o amor na cama não era aquele doido sacolejo, nem só aquele arrepio que mal começava e nunca chegava ao fim.

Além do mais, à rotina da casa, Esmeraldo acrescentou lavagem e enchimento de garrafas, pesagem e conferência de sacaria, arrumação e limpeza da mercearia. Vítimas das mesmas dúvidas

e das mesmas tarefas, quando não das explosões e destemperos do marido, tornaram-se próximas amigas, confidentes.

Não se sabe exatamente em qual filme se inspiraram ou de qual programa copiaram as receitas que transformaram o magro cardápio daquela casa num atentado às glândulas salivares de Esmeraldo. O fato é que, lentamente, introduziram molhos e frituras na monotonia do feijão-com-arroz, e Esmeraldo começou a degustar costeletas fritas, cupim ao forno, farofa de torresmo, ovos fritos, cozidos, mexidos e em gemadas, tutanos e miolos. Durante dois anos, ele foi apurando seu gosto pela mesa e guardando nas coronárias o excesso da arte culinária das esposas: entupiu a bombinha. Um infarto matou-lhe uma metade do corpo e trocou-lhe a fala por um ruído feito de chiados, baba e ganidos.

Os amigos creditaram o infarto à sua desmedida gulodice pela mesa, no que as esposas com suas receitas, sem querer, contribuíram, sem esquecer a sua irrefreável incontinência pelas jovens esposas, o que, a julgar pela sua idade, era um passo muito largo entre sua vontade e sua resistência.

Amária e Deuza, no entanto, sabiam que o que havia aleijado Esmeraldo, degredingolado seu coração, fora uma visão e um susto: um dia, enquanto enchiam garrafas de hidromel, resolveram provar bebida pela primeira vez e conheceram uma

flutuação estranha, um bamboleio do próprio chão, uma alegria quase despuddorada. Então, fingindo uma atração que ambas sabiam não ser fingimento, iniciaram uma simulação consentida e deixaram que, pelas narinas, entrassem de cada uma os cheiros da outra; pelos olhos, os olhos, e provaram no tato uma maciez inebriante e uma untuosidade desconhecida. O que Esmeraldo viu, uma mera repetição dessa brincadeira inicial, foram mãos imitando víboras velozes, breves línguaetas de fogo, répteis coleantes e musgosos num passeio pela desconhecida topografia do delírio, uma dança que ele não conhecia. Quando cessaram as explosões de fogos de artifício sob a pele e sumiram os débeis estampidos nos ouvidos de cada uma, é que perceberam Esmeraldo espermeando no corredor.

As duas coisas podem ter caminhado juntas. O fato é que ninguém sabe se as esposas prepararam, adrede e pensadamente, a panqueca de colesterol para matar Esmeraldo. Mas esse desfecho foi acelerado por aquela doce loucura que o espírito do hidromel infundiu nas esposas, loucura que conheceram naquele dia e perpetuam até hoje, em segredo, o que não impede que todos do lugar exaltem o desvelo das esposas no trato do marido, coisa que se nota nas roupas asseadas, no babador, na barba feita, até na toalhinha quadriculada sobre as pernas, quando saem com o marido no passeio com a cadeira de rodas, tudo parecendo até filme

estrangeiro. O que ninguém sabe é que as duas esposas, num ato de generosidade ou de paciente vingança, quando são tentadas pelo vaporoso espírito, nunca esquecem de colocar o marido frente à cama de onde ele passa a ter, com seu olho morto, sua baba perene, a visão das duas, como cegas, buscarem instantes no paraíso.

ESTRADA NUNCA MAIS

A nossa paixão por Dulcídia era um segredo entre nós. Um segredo guardado por cinco rapazes que, por destino, continuam amigos, com os cabelos já branqueando e a lembrança dela ali do nosso lado. Falar sobre ela, a gente não fala. É difícil, muito difícil, porque dela a gente não sabe muito. Nenhum de nós pronuncia seu nome ou fala da sua história. Mas ela está sempre presente. A imagem dela nunca sai do pensamento de nenhum de nós. Em mim, desde aquele tempo, é como um retrato na retina, folhinha do ano colada na parede da lembrança. E esse retrato lembra o tempo passado, quando ela, em carne e osso, vivia entre nós.

Ela era uma coisa do outro mundo. Tão suave que despertava ternura. Veludo e luz tecendo